

O carnaval do riso e da crítica: o Mudança do Garcia

Ruydemberg Trindade Junior

Resumo:

O “bloco” Mudança do Garcia apesar de fazer parte do carnaval de Salvador, difere radicalmente da atual estrutura da festa. A festa da capital baiana passou nas últimas décadas por uma intensa mercantilização, mas a singularidade do “bloco” se deve justamente ao não-acompanhamento deste processo, e ao seu caráter crítico contestatório. O Mudança do Garcia leva para a avenida não apenas máscaras e fantasias, mas, principalmente, problematiza questões ligadas à realidade social, política e econômica da Bahia e de todo o país sempre com humor, utilizando-se, então, do cômico como forma de contestação social. Assim, a proposta do presente trabalho é analisar o caráter crítico do Mudança do Garcia, a partir das reflexões de Mikhail Bakhtin (*A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*), para verificar em que medida as suas propostas se aplicam ao Mudança.

Palavras-chave:

Carnaval, Cultura popular, Festas.

A intenção do presente artigo é analisar o carnaval de Salvador, e, também, mais detidamente, o realizado pelo bloco Mudança do Garcia, a partir do modelo de festas populares apresentado por Mikhail Bakhtin em *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento* (1999), tentando encontrar nos festejos soteropolitanos elementos que os aproximem das idéias de inversão da ordem estabelecida e fuga temporária da realidade durante a festa, abordadas pelo autor russo. Ainda hoje, é comum pensar o carnaval como um momento ímpar do calendário em que se é permitido tudo, interação entre todas as camadas sociais e raças, extravasar o peso da difícil vida levada durante o restante do ano. Porém, até que ponto se pode entender o carnaval como uma festa nestes moldes, com alto grau de interação e participação aberta a todos? É, justamente, sobre esta questão que me debruçarei.

A motivação desse estudo surgiu durante a leitura de textos do antropólogo Roberto da Mata (1981), que aplica a perspectiva bakhtiniana ao carnaval brasileiro e a posterior leitura da posição do pesquisador do carnaval baiano Antônio Risério (1995), que coloca essa perspectiva como inviável para estudar plenamente a

O profano é sagrado na Bahia

imagens e representações da cultura popular

realidade local. A partir da contraposição destas duas idéias, analiso os festejos soteropolitanos dentro da conjuntura de forte mercantilização que ele vem sofrendo desde o início dos anos 80.

Mikhail Bakhtin realizou suas reflexões sobre o carnaval tendo por base, como indica o nome do livro citado, a festa no período medieval e no renascimento; era, para ele, uma espécie de mundo paralelo ao oficial, onde a rotina sofria uma suspensão, oferecendo aos homens um grau de liberdade não experimentada em nenhum outro momento. E nele não há a separação entre espectadores e atores, na realidade:

é a própria vida apresentada com os elementos característicos da representação (...). Os espectadores não assistem ao carnaval, eles o *vivem*, uma vez que o carnaval pela sua própria natureza existe para *todo o povo*. Enquanto dura o carnaval, não se conhece outra vida senão a do carnaval. Impossível escapar a ela, pois o carnaval não tem nenhuma fronteira espacial. Durante a realização da festa, só se pode viver de acordo com suas leis, isto é, as leis da *liberdade*. (BAKHTIN, 1999, p. 6)

Durante esse período, a vida encena uma outra vida, mais igualitária, regida por melhores princípios, onde todos podem participar.

Da Matta (1981) enxerga no carnaval brasileiro uma série de elementos que o aproxima do modelo traçado por Bakhtin; para ele o carnaval pode ser conceituado como uma festividade que estilhaça a realidade social, inventando uma ordem invertida, sem a existência de um centro de gravidade. Pode-se dizer tudo enquanto ele dura, e isto é para o antropólogo o caos dionisiaco: “É a inversão do mundo. É o mecanismo de liberação provisória das formalidades controladas pelo estado e pelo governo (...). É tempo de abundância, é tradicional (...)”.

Ele vê uma série de características inerentes aos brasileiros – o saber relacionar o sério e o cômico, o legal e o jeitinho, a relação pessoal com a ideologia; é a dialética do autoritarismo e das hierarquias com sentimentos como a amizade e a família – e o carnaval perfaz com perfeição a relação entre estas características na sua verdade social e política. Na verdade, ele escancara a realidade de um sistema que a rotina não deixa normalmente transparecer, ou seja, tudo isso surge mais nítido durante os festejos, graças à inversão e ao nível de liberdade permitidos. Já Risério (1995), apesar de acreditar que o ideal de inversão da ordem pode ser encontrado nos festejos momescos de Salvador, pensa

O profano é sagrado na Bahia

imagens e representações da cultura popular

que essa é uma afirmação genérica e que não ajuda a diferenciá-lo de nenhum outro formato de carnaval.

Da Matta (1981), na opinião do pesquisador baiano, teria cometido dois erros elementares ao importar o modelo bakhtiniano ao carnaval brasileiro: primeiro foi a própria transposição do conceito em si, sem nenhuma objeção às diferentes realidades (a da Europa medieval e a do Brasil), e segundo ao considerar o carnaval brasileiro como algo homogêneo nas diferentes regiões, como se sua realização em cidades tão diferentes, como Recife, Salvador e Rio de Janeiro acontecessem da mesma forma. Para Risério (1995), Bakhtin tinha razão ao dizer que o carnaval era o “triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente - e que o seu mundo era o da incompletude, em oposição aos sistemas fechados”. Mas tudo isso se aplica a qualquer carnaval, e portanto uma generalidade neste nível não classifica, nem explica a realidade do carnaval local. Ele afirma: “Se queremos captar alguma coisa além de generalidades, não podemos estacionar nesse universalismo”.

Essas são em linhas gerais, as opiniões destes dois autores em relação ao pensamento de Mikhail Bakhtin; uma vez traçadas as duas posições me deterei na análise do carnaval soteropolitano, e mais adiante da festa realizada pelo Mudança do Garcia, tentando enxergar em quais pontos o modelo de festa pensado pelo autor russo se aproxima da realidade local.

O carnaval da cidade de Salvador, nas últimas décadas, passou por uma série de mudanças que o levaram a se profissionalizar e, principalmente, o tornaram menos a expressão cultural de um povo, ou, simplesmente, pura diversão para a cidade, e mais uma atividade mercantil, com os olhares voltados para criar condições que proporcionem ao turista uma festa que o agrade. Isto está visível por todos os espaços onde ocorrem os festejos, se multiplica ano a ano o número de camarotes (estruturas montadas ao longo da festa que permitem ao folião assisti-la com maior conforto e segurança), os blocos vão tomando espaços cada vez maiores na avenida. É importante destacar que esses serviços podem ser comprados diretamente em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, o que demonstra a qual público eles se destinam na sua maioria. A quantidade de turistas no carnaval é

O profano é sagrado na Bahia

imagens e representações da cultura popular

por volta de 20% do total de foliões, segundo Paulo Henrique Almeida¹, número que se analisado friamente não parece tão expressivo, mas este contingente movimenta uma soma de recursos proporcionalmente bem maior do que os soteropolitanos, e em diversificados setores da economia baiana. Justifica-se, então, o fato dos olhares estarem voltados para este setor.

Porém o preço pago pelo carnaval ao atrair o dinheiro de foliões não-baianos parece ter saído caro; hoje a festa é completamente dependente das grandes empresas que administram serviços como blocos e camarotes (e não apenas isto, estas empresas avançam por todos os aspectos que dizem respeito à festa na Bahia), de forma que nem o povo comum, nem sequer a Prefeitura de Salvador ou o Governo do Estado, conseguem fomentar uma política de valorização da cultura popular dentro do evento. Só para ter uma idéia da forma como o carnaval é hoje pensado, a responsável por organizá-lo é a EMTURSA, órgão municipal de turismo, e não uma secretária ligada à cultura.

Não pressuponho aqui que o carnaval deve ser uma festa com um formato estático, mas no caso baiano, elementos básicos que o fizeram ter projeção nacional são agora esquecidos; e a festa não precisa acontecer de acordo aos interesses das empresas citadas acima. As novas mudanças não surgem como a expressão da cultura de um povo, mas sim, são pensadas e motivadas basicamente por marketeiros a serviço da geração de lucro para os empresários da festa.

O carnaval hoje é “vendido” tendo como atrativo os grandes artistas baianos (cantores de Axé com projeção nacional), que por sua vez são ligados aos blocos de trio: sem estes artistas, o público que gera renda não comparece, e a dependência aos blocos de trio faz a organização oficial da festa ceder ao interesses dos empresários. Uma vez tendo o comando, as empresas levam a festa para um caminho de profissionalização que vai de encontro a todo ideal carnavalesco, o de fuga temporária da realidade. Nesse moldes a fuga pode até ocorrer, mas só que para um número restrito de pessoas, e sempre de forma programada, nem um pouco espontânea.

¹ Dados emitidos durante o Ciclo de debates sobre o Carnaval, realizado no dia 02 de abril de 2008, que segundo Almeida, representante da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, seriam publicados pela revista Infocultura nº 02.

O profano é sagrado na Bahia

imagens e representações da cultura popular

Se no carnaval estudado por Bakhtin a inversão da ordem é quase condição essencial de sua existência, aqui a ordem parece se afirmar cada vez mais durante os festejos: há uma separação clara entre as diversas classes sociais, as camadas mais ricas, que durante todo ano desfrutam do conforto que o dinheiro pode lhes oferecer, no carnaval curte os camarotes com estruturas dignas de hotéis de alto padrão. Também os blocos são maciçamente freqüentados por estes, e ano a ano o espaço aberto na avenida ao folião pipoca² diminui. A classe média comparece com muito esforço a esses espaços, sempre enfrentando dificuldades para pagar os carnês dos altos preços dos *abadás*³, e já a população pobre, se espreme entre os camarotes e as cordas dos blocos de trio, susceptível a violência por parte tanto dos seguranças dos blocos quanto a de policiais.

Tudo se reproduz como na realidade, o pobre e rico curtem carnavais diferentes; e este segundo, apesar de ter acesso ao que aparenta ser o melhor da festa, na verdade curte a um carnaval inteiramente programado, algo que parece se repetir todo ano de forma igual, e age de acordo a um padrão de comportamento que o engessa e exclui do cenário de qualquer espaço para originalidade.

É claro que está sendo descrito aqui apenas uma parte da festa; à semelhança do que faz Risério com relação ao carnaval brasileiro, eu aplico ao carnaval daqui: imagino não existir apenas um *carnaval baiano*, e sim diversos *carnavais baianos*, e o acima citado é apenas um deles, embora o que parece predominar sobre os outros. É claro, como já mencionado, que existem muitos outros: por exemplo, a cada ano alguns artistas optam por sair nos chamados trios independentes⁴, indo de encontro à tendência de mercantilização e proporcionando

² Foliões que não participam de blocos de trio ou camarotes, normalmente por não poder pagar os altos valores cobrados.

³ Uniformes usados pelos foliões dos blocos, que garantem a sua entrada no interior desses.

⁴ Ficaram conhecidos assim os trios que desfilam sem cordas. Apesar do nome, eles na verdade dependem de diversos agentes, normalmente do apoio da Prefeitura e do Governo do estado, além de patrocínio de empresas privadas. Muitos desses artistas não optam pelos *independentes* por simples escolha. A muitos deles, normalmente por baixa popularidade, essa é a única forma de continuar *desfilando* no carnaval, já que não “despertam” o interesse de blocos de trio.

O profano é sagrado na Bahia

imagens e representações da cultura popular

alguma interação entre diferentes foliões, o que parece ocorrer efetivamente em alguns casos. Vale ressaltar que esta tendência parece estar aumentando.

Para além de toda profissionalização, alguns elementos de inversão da ordem ainda sobrevivem, os travestidos são um forte exemplo. Policiais, comerciantes, estudantes, todos, por alguns instantes, tornam-se belas mulheres ao colocarem saias e batons. E exemplos como estes são inúmeros, porém o que predomina é a manutenção da ordem estabelecida e das condições da realidade.

A intensidade da participação é outro elemento que sobrevive e que pode ser notada em Salvador, estando assim de acordo às idéias de Bakhtin. Apesar de haver um artista comandando a festa de cima do trio, os foliões não se limitam a assisti-lo, mas participa também, seja cantando, dançando, ou de qualquer outra forma, fazendo parte da festa. E isso vale tanto para aqueles que estão dentro das cordas –que o fazem de forma mais confortável- quanto para os que estão fora delas, que apesar do reduzido espaço ainda conseguem, às duras penas, participar do carnaval. O folião não se coloca como mero espectador, ele parece viver plenamente aqueles instantes. Não é apenas espectador, também faz parte da festa.

E ainda o que Bakhtin chama de *principio da vida material e corporal* se mostra presente em nosso carnaval. São representações ligadas às imagens do corpo, da bebida, da comida, da satisfação de necessidade naturais e da vida sexual, isso de forma exagerada, abundante. Neste período, a linguagem também se transforma, torna-se outra completamente diferente da cotidiana, uma série de códigos específicos é utilizada para permitir a comunicação, que, quando usado em outras ocasiões que não o carnaval, não faz o menor sentido.

Durante esta semana de festa, a forma como as pessoas se alimentam também chama atenção. A preocupação com a saúde parece ser suspensa, os pratos principais são os gordurosos, e de preferência comidos na rua mesmo, durante todo o dia. E a cidade tem sua rotina invertida, a noite é extremamente movimentada: congestionamentos tomam conta das ruas próximas aos circuitos, enquanto que durante o dia Salvador dorme.

Como foi demonstrado, apesar de majoritariamente imerso num ambiente mercantil e, portanto, afastado das características que tornam o carnaval uma

O profano é sagrado na Bahia

imagens e representações da cultura popular

semana diferente do restante do ano, alguns elementos sobrevivem, o que comprova a força da cultura popular, que é de onde emergem essas reminiscências, e a importância da festa enquanto *válvula de escape* para toda população da cidade.

Em se tratando de tradição que se preserva, o que mais chama atenção no carnaval baiano é o bloco Mudança do Garcia. Apesar de chamado de *bloco*, o que pressupõe toda uma estrutura organizativa e profissional, o Mudança difere radicalmente de todos os outros assim chamados. Sua festa é aberta a todos que querem participar, nele não há cordas nem regras, todos brincam da forma que quiser.

Segundo os seus mais entusiastas foliões, o Mudança teria surgido nas ruas do bairro do Garcia já na década de 20. Essa versão é corroborada por alguns registros datados deste período, mas os mais confiáveis dados datam o bloco do final da década de 50. Além da imensa festa com música que ele proporciona, o bloco ficou também marcado pelo seu bom-humor e pela ironia levados à avenida através das críticas que se direcionam desde personalidades públicas até à política nacional. Qualquer assunto é passível de deboche por parte dos foliões do bloco. Neste cenário, O Carnaval do Mudança se tornou o espaço mais democrático da festa em Salvador, fugindo à segregação promovida pelos blocos de trios, participa desta festa quem quiser e da forma que bem entender, como já foi dito.

Ele funciona da seguinte maneira, há uma espécie de administração do bloco que é o responsável por aquilo que podemos imaginar com sendo o seu centro. Nele há diversas carroças com penduricalhos e faixas trazendo as referidas críticas sempre com bom-humor, os chamados "pirulitos"; as bandas de sopro; além dos integrantes mais antigos, normalmente, moradores do próprio bairro do Garcia. Fora deste centro, há uma gigantesca massa de pessoas ali presentes por inúmeros motivos, algumas apenas curtem as bandinhas enquanto seus blocos de trio não passam; outras levam também suas faixas, seja com críticas ou elogios; há ainda os sindicatos, presença marcante que leva suas reivindicações para a avenida. É uma grande geléia que foge a qualquer tipo de controle, e que, portanto, dá margem a manifestações de naturezas diversas, compondo um cenário de caos e democracia.

O profano é sagrado na Bahia

imagens e representações da cultura popular

O processo de mercantilização da festa é criticado pelo Mudança, seus integrantes reivindicam fazer um carnaval democrático e popular. São críticos quanto a idéia de se pagar para curtir o carnaval, uma festa que sempre foi realizada pelo povo e para o próprio povo. Dentro deste ambiente, são inúmeros os elementos que aproximam o bloco do bairro do Garcia, do carnaval medieval estudado por Bakhtin.

Inicialmente, a idéia de haver ainda a presença de diversas classes da sociedade, que é um pressuposto para que haja alguma interação, e por conseqüência a queda de barreiras que venham a separá-las, é forte dentro deste espaço. As diversas categorias profissionais presentes dividem espaço com políticos das mais variadas tendências, também com simples foliões ou pipocas, ou aqueles que descem dos seus camarotes para curtir o Mudança, interagem com os mais jovens, que por sua vez têm contato com um carnaval mais antigo, proporcionado pelas bandas *chupa-catarro*, (assim chamadas por se comporem de instrumentos de sopro), enfim, toda forma de existência lá se encontra. As bandas desfilam no chão, acompanhando a multidão, o que aproxima estes dois lados da festa, e que na verdade são ser um só; isso permite ao folião uma participação plena na execução do evento, ele ao lado da banda se sente parte integrante da diversão que está sendo proporcionada aos demais foliões. Só em um ambiente diversificado como este, podemos pensar em uma realidade um pouco mais distante do cotidiano, com algum grau de liberdade.

Tudo que foi citado anteriormente como remanescente no carnaval de Salvador está presente no Mudança, são inúmeros travestidos e, principalmente, os mascarados. Poucas coisas simbolizam tão bem o espírito carnavalesco quanto às máscaras de carnaval, que permitem o anonimato que libera o cidadão comum da roupagem que ele veste durante o ano, e o torna livre para agir instintivamente. Neste momento ele já não é mais João, ou Pedro, e sim um palhaço, um bufão ou um arlequim, muito próximo do que Bakhtin descreve em sua obra.

A estética do bloco também foge à imagem do que se entende por belo, ele é seguido por diversas carroças puxadas por jegues, carroças, estas cheias de penduricalho, objetos velhos, como penicos, colchões, brinquedos velhos,

O profano é sagrado na Bahia

imagens e representações da cultura popular

aproximando bastante da descrição que Bakhtin faz da idéia de grotesco na Idade Média.

Entretanto, o que mais chama atenção no bloco do bairro do Garcia é o seu caráter crítico contestatório. Todos os acontecimento que marcam o país, até mesmo o mundo, são comentados durante o desfile do Mudança; grandes faixas que trazem referências a estes fatos estão sempre presentes com muito bom-humor e sarcasmo. Ninguém é poupado, como afirmava um de seus cartazes: “no Mudança não tem coroadado, pisou na bola, tá fornicado”. O fato de criticar a tudo, inclusive o próprio formato da festa em que está presente, faz do bloco um corpo completamente anômalo ao restante do evento; e isso o aproxima mais uma vez das idéias de Bakhtin. Na idade Média, diante dos rigores impostos pela igreja e pelo estado, a cultura do riso e do cômico permitia à população um divertimento que uma sociedade tão fechada normalmente não permitiria. Isso se mostrava de diversas formas, dentro daquilo que o autor russo chama de mundo *não-oficial*, nele impera a liberdade, inclusive a de expressão. Isso fica claro, por exemplo, nas paródias das cerimônias católicas, realizadas inclusive dentro das próprias igrejas, com o conhecimento do clero.

Por tudo isso o Mudança do Garcia se tornou um espaço privilegiado tanto para aqueles que buscam curtir o carnaval com tudo que ele tem na sua essência, música, dança, divertimento, suspensão temporária da realidade, enfim, uma fuga da dura rotina; quanto para aqueles que querem se fazer ouvir pela sociedade. O bloco é um dos mais importantes veículos de apresentação de opinião, o que é dito por ele tem grande repercussão, o que demonstra a sua força. O Mudança do Garcia é um dos últimos espaços onde ainda reina o espírito carnavalesco pleno, onde se pode encontrar tudo que o carnaval carrega, desde seus princípios dentro do catolicismo (abundância que preparava para o rigor da quaresma), como também, e acima de tudo, um espaço aberto àqueles que acreditam que o carnaval é uma festa genuinamente popular.

O profano é sagrado na Bahia

imagens e representações da cultura popular

Bibliografia

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo, Hucitec, Editora da Universidade de Brasília, 1999.

DA MATTA, Roberto. **Universo do Carnaval: imagens e reflexões**. Pinakothek, 1981.

RISÉRIO, Antônio. **Carnaval: as cores da Mudança**. Revista Afro-Ásia, edição 16, 1995.